



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Douglas Moreira – Enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes

Todas as crianças já nascem com direitos. A lei garante a elas proteção. Mas, infelizmente, os números sobre abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes são muito grandes. E essa realidade precisa mudar.

No Brasil, o Disque 100 é o principal canal do governo federal para denúncias sobre descumprimento de direitos humanos. De acordo com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, a violência sexual é a quarta violação contra crianças e adolescentes mais citada neste canal. Em 2015, foram registradas 17.583 denúncias desse tipo, o que representa quase 50 casos por dia.



Por isso, a cada ano, diversas organizações promovem campanhas e ações para estimular o envolvimento da população na identificação e no enfrentamento destes casos – especialmente durante o Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes (18 de maio) e do Carnaval (quando o índice de denúncias chega a subir 20%).

Sobre o abuso e a exploração sexual contra crianças e adolescentes, bem como os cuidados que a população precisa ter, a Pastoral da Criança entrevistou Douglas

Moreira, articulador do Centro Marista de Defesa da Infância e especialista em direitos da criança e do adolescente.

Por que é importante trabalhar essa questão do abuso e exploração de crianças e adolescentes?

A violência sexual é uma das formas mais graves e mais cruéis de violação de direitos das crianças e dos adolescentes. Ela é muito mais habitual do que a gente imagina. Está presente em todos os lugares, em todos os perfis sociais. Todos os anos, o Disque 100, que é o principal canal de denúncia no Brasil, registra milhares de situações de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Então, por isso, é um tema que a gente precisa estar sempre trabalhando, sempre atento, para conseguir mudar essa realidade e avançar na proteção da criança e do adolescente.

Como é possível perceber se uma criança foi ou está sendo vítima de abuso sexual?

A criança vai sempre avisar de alguma maneira, vai dar sinais de que está sendo vítima desse tipo de violência. Por vezes, ela não vai falar a respeito daquela situação e a gente precisa estar atento para conseguir perceber isso. Entre esses indícios, a gente pode ter alguns comportamentos sexuais que não estão muito adequados para aquela idade da criança: brincadeiras sexuais com os amigos, interesse súbito por esse tema. Ou você pode ter, por outro lado: insegurança excessiva, vergonha, isolamento, uma criança que evita ter contato físico com outras pessoas. Você pode, também, perceber mudanças súbitas de humor: essa criança está muito alegre e, de repente, se fecha totalmente. Por vezes, pode manifestar alguma agressividade, fuga de casa, baixa autoestima. Enfim, têm vários elementos que podem mostrar que essa criança tá passando por uma situação de violência sexual.

Se alguém desconfiar que uma criança está sofrendo esse tipo de violência, o que deve fazer?

O primeiro passo pra que a Rede de Proteção seja ativada é ligar para o Disque 100. O Disque 100 é o principal canal de denúncias contra a violação de direitos no Brasil. Outro caminho possível é entrar em contato com o Conselho Tutelar do seu município.

Ele também é um canal que a gente pode buscar quando estiver com uma suspeita ou quando já souber que há um caso de violência sexual.

Que consequências o abuso ou a exploração sexual podem trazer para uma criança?

A violência sexual pode desestruturar o desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança e do adolescente. E comprometer a formação da afetividade, da personalidade e dos valores dessa pessoa. É importante destacar, também, que as consequências variam muito de acordo com o contexto que aconteceu a violência: quando foi, por quanto tempo ela aconteceu, como que foi, com quem ela se deu (se era uma pessoa da família, se era uma pessoa próxima), se teve alguém que escutou depois essa criança, que a acolheu, que deu atenção para ela. Tudo isso influencia nas consequências que a situação vai gerar para a vida dessa criança. Quanto mais ela for acolhida, quanto mais ela for ouvida e apoiada diante dessa situação, que é bastante complexa, menos chances ela terá de apresentar consequências mais graves no seu desenvolvimento.

A maioria dos casos de abuso acontece dentro da família, com pessoas muito próximas. Essa é uma razão pela qual as crianças não contam ou não falam sobre isso. Quais são os outros motivos?

Muitas vezes, a criança não entende o motivo de estar acontecendo aquilo: *“Por que o meu pai, minha mãe, meu padrasto, minha madrasta, meu tio, meu avô, minha avó?”* – pessoas que a gente imagina que estariam ali para proteger essa criança e são autoras desse tipo de violência. E, às vezes, inclusive, a criança nem sabe que ela está passando por uma situação de violência sexual. Nós temos uma cultura que educa as crianças a ficarem quietas, a simplesmente obedecer sem falar nada. Essa é uma das questões que legitima a violência sexual. O agressor vai constranger ou ameaçar essa criança para que não abra a situação. E este é mais um elemento de pressão na cabeça da criança. Por vezes, essa pessoa pode dizer: *“Mas, se você contar eu vou fazer mal a outras pessoas da sua família”*. Aí, a pessoa acaba mantendo aquele ciclo de violência, para que não seja feito mal para outras pessoas que ela gosta.

Que orientações nós devemos dar às crianças sobre esse tema?

É importante que a gente converse, desde cedo, com a criança sobre o seu corpo. Mostrar para a criança que o corpo pertence só a ela, que ela sabe o que está sentindo, que não deve aceitar que outra pessoa diga coisas, fale ou faça coisas no corpo dela que não goste, que se sinta desconfortável ou sinta dor. Mostrar para a criança que, se alguém olhar ou tocar nesse corpo, é importante que ela procure alguém de confiança e fale que isso aconteceu. É importante também falar para criança que ela não deve deixar ninguém fazer nenhum tipo de carinho nela em troca de presente, de dinheiro, de favores. Não deixar ninguém fotografá-la sem roupa ou mostrando alguma parte do corpo dela. Enfim, fazendo qualquer coisa que a deixe desconfortável ou com medo. E ainda conversar sobre o fato de que quase todo mundo está na Internet, usa redes sociais. Então, falar sobre a importância de não postar fotos íntimas ou informações do seu cotidiano: onde estuda, o que faz no dia a dia. Porque tudo isso pode facilitar para um possível abusador chegar até essa criança.

O que está sendo feito para barrar ou acabar com esses abusos?

Muitas organizações têm se unido para enfrentar a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Nós temos um Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra a Criança e o Adolescente. Em todos os estados brasileiros têm, ou deve ter, um Comitê Estadual de Enfrentamento da Violência Sexual contra a Criança e o Adolescente, também, que vai reunir ali as secretarias, as organizações que trabalham nesse tema. E nós temos uma data nacional de mobilização em relação a essa temática, em que acontecem passeatas, oficinas, ações em quase todos os municípios brasileiros já, que é o dia 18 de maio.

Douglas, você gostaria de acrescentar mais alguma orientação?

Eu quero destacar a importância de todas e todos se unirem para que a gente consiga enfrentar esse problema. E isso significa, desde cedo, falar com as crianças, dentro de

casa, a respeito da violência sexual e o que a criança pode fazer pra evitar que aquilo aconteça com ela.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.

Programa de Rádio 1285 - 16/05/2016 – Enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes